

DIALOGISMO EM AULA DA ESFERA DISCURSIVA ACADÊMICA: UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVO-DISCURSIVA

Michel Pratini Bernardo da Silva (PIBIC/CNPq/UFPB)
mchel_pbs@hotmail.com
Maria do Socorro Lima dos Santos (PIBIC/CNPq/UFPB)
maria_limajp@hotmail.com
Pedro Farias Francelino (PROLING/UFPB)
pedrofrancelino@yahoo.com.br

Introdução

Para Mikhail Bakhtin (2011, p.261), o emprego da língua dá-se por meio de enunciados concretos e únicos realizados por determinados sujeitos em um campo de atividade humana. Esses enunciados, unidades reais de comunicação da língua, são eminentemente dialógicos, uma vez que, ao enunciar, o sujeito leva em consideração o discurso de outrem, o que significa dizer que seu discurso é atravessado por vozes alheias, que emergem de sua interação verbal com seus interlocutores, bem como de suas relações com os discursos sócio-históricos constituídos. Assim, pode-se considerar o dialogismo como a relação entre discursos, ou seja, um enunciado, que aparece em um dado momento sócio-histórico, jamais deixará de estabelecer relações dialógicas com outros, tendo em vista que ele é um elo que compõe a complexa cadeia de discursos.

A esfera discursiva acadêmica é um dos campos de atividade humana que produz seus tipos relativamente estáveis de enunciados. Ela se caracteriza por apresentar uma diversidade dialógica e ideológica, ou seja, uma vasta quantidade de vozes e pontos de vistas. Esse campo ideológico é composto por gêneros discursivos orais e escritos que correspondem às diversas situações enunciativo-discursivas que se desenvolvem nele. A aula, muito comum nesse domínio discursivo, caracteriza-se por ser um gênero oral, cujo objetivo é compartilhar, muitas vezes de forma dialogada, uma informação/conhecimento. Embora seja comum observarmos esse gênero no meio acadêmico, poucas pesquisas se propõem a trabalhar gêneros orais na perspectiva enunciativo-discursiva. Considerando isso, objetivamos, nesse estudo, refletir sobre as relações dialógicas em uma aula da esfera discursiva acadêmica, mostrando os elementos linguístico-enunciativos utilizados pelo sujeito enunciativo, no fio do discurso, para mobilizar as vozes de outrem.

Para isso, utilizamos como aporte teórico a Teoria da Enunciação de Bakhtin (2011, 2005) e Volochínov ([1926] 1976, 1999), bem como a Análise Dialógica do Discurso – ADD – proposta por Brait (2005, 2006), os estudos discursivos de Faraco (2009), Francelino (2007), dentre outros. Além da pesquisa bibliográfica, para constituir nosso trabalho, realizamos a gravação de uma aula, em setembro de 2013, ministrada no curso de Serviço Social, na Universidade Federal da Paraíba – UFPB. A aula teve como base o capítulo 5 do livro *Economia Política: uma introdução crítica*, de José Paulo Neto e Marcelo Braz, Editora Cortez. Após a coleta dos dados, realizamos a transcrição com base nas regras Projeto da Norma Urbana Oral Culta – NURC – e procedemos à análise. A pesquisa é de natureza qualitativo-interpretativista, pois se ateve à interpretação e análise da aula.

O trabalho compõe-se de duas partes: uma seção de cunho teórico, em que apresentamos alguns dos principais conceitos da teoria os quais respaldarão nossa análise, tais

como enunciado, enunciação, sujeito e gênero discursivo; e uma seção prática, na qual apresentaremos a análise dos enunciados selecionados para este estudo.

1 O enunciado no contexto das relações dialógicas e a subjetividade

Para compreender a dinâmica das relações estabelecidas entre os enunciados no contexto das relações sociais, serão apresentadas algumas considerações teóricas que darão suporte à leitura a ser feita desse fenômeno enunciativo, procurando-se evidenciar o que possibilita as mais diversas reações entre interlocutores na recepção/produção de enunciados.

Conforme Bakhtin (2011), os enunciados integram uma grande corrente composta de outros enunciados da qual ele é mais um, que não apenas surge de um já existente como prepara a resposta de outros enunciados convocados a surgir. Esse é o princípio da compreensão responsiva ativa, segundo o qual todo enunciado é prenhe de resposta, ou seja, ele sempre provoca uma atitude ativa de seu locutor, mesmo que esta reação não venha acompanhada de uma expressão verbal, concretizada em um material semiótico.

O enunciado, nessa perspectiva, é caracterizado basicamente pela presença de três propriedades fundamentais, sem as quais ele deixa de ser a unidade da comunicação verbal e passa à categoria de unidade da língua, como é o caso da oração.¹ A alternância dos sujeitos falantes, o acabamento específico do enunciado e sua relação com o próprio locutor e com os outros parceiros da comunicação verbal constituem, de forma intrínseca, amalgamada, as propriedades do enunciado.

A alternância dos sujeitos falantes refere-se ao fato de todo enunciado relacionar-se, constitutivamente, com outros enunciados situados espacial e temporalmente. Ele surge de um já-dito e desencadeia respostas futuras, imediatas ou não.

O acabamento específico do enunciado é, segundo Bakhtin (idem), a alternância dos sujeitos falantes vista do interior, ou seja, é o momento da conclusão, mesmo que provisória, do enunciado, a fim de que ele possa provocar uma resposta, uma reação. É necessário que o enunciado seja formulado em sua totalidade no que concerne ao projeto de dizer do locutor; em outras palavras, tudo aquilo que, num preciso momento e em condições precisas, o locutor pretende dizer a alguém deve apresentar-se como um todo, inteligível, possível de suscitar uma resposta.

Essa totalidade acabada do enunciado, no entanto, só é possível em função de três fatores que estão intimamente relacionados: 1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido, isto é, o tema, o assunto que é abordado entre os interlocutores no contexto de uma situação interativa específica; 2) o intuito, o querer-dizer do locutor, que se refere ao projeto de dizer do sujeito em face à situação enunciativa; e, 3) por fim, as formas típicas de estruturação do gênero, ou melhor, o próprio gênero de discurso a partir do qual o querer-dizer do locutor se realizará como enunciado concreto.

A última característica constitutiva do enunciado concerne a sua relação com o locutor e com outros interlocutores da comunicação verbal. Aqui se concentram alguns aspectos relevantes para a reflexão e para a análise que será feita dos gêneros selecionados. Essa

¹ Com o objetivo de definir a natureza do enunciado, Bakhtin (idem) apresenta algumas propriedades fundamentais da oração, entendida como unidade da língua, em oposição ao enunciado, compreendido como unidade da comunicação verbal.

propriedade do enunciado é responsável pelas particularidades de estilo, composição e expressividade.

O estilo e a composição do enunciado são determinados pelo objeto de discurso, pelo tema a ser abordado pelo autor; nesse sentido, os recursos linguísticos – fonéticos/fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais – são selecionados pelo locutor em virtude de seu objeto de discurso. Além do estilo e da composição, há de se considerar, ainda, a expressividade, que, na perspectiva adotada, não releva da língua como sistema de formas, mas da relação do sujeito com o tema, com seus interlocutores e com a situação de comunicação verbal.

A língua, em sua imanência, não possibilita a expressão da relação valorativa do sujeito em relação ao objeto de discurso, mas apresenta um rico arsenal de formas das quais o locutor pode se apropriar. Como diz Bakhtin (2011, p. 309), “As palavras não são de ninguém e não comportam um juízo de valor. Estão a serviço de qualquer locutor e de qualquer juízo de valor, que podem mesmo ser totalmente diferentes, até mesmo contrários.” Enfim, somente quando entra em contato com a situação extraverbal é que a língua possibilita a emergência da expressividade, conforme lemos nas palavras de Bakhtin:

Apenas o contato entre a significação lingüística e a realidade concreta, apenas o contato entre a língua e a realidade – que se dá no enunciado – provoca o lampejo da expressividade. Esta não está no sistema da língua e tampouco na realidade objetiva que existiria fora de nós. (BAKHTIN, 2011, p. 311).

Essas últimas considerações a respeito da expressividade são importantes para a análise empreendida adiante porque fundamentam o aspecto primordial que se delimita nesta reflexão, qual seja: a relação do locutor com seu enunciado, este considerado multivocal e pluriacentuado, ou seja, como instância que manifesta a presença – explícita ou não – de outros enunciados e que traz consigo as marcas avaliativas decorrentes das diversas situações enunciativas de uso da linguagem. A expressividade, que compreende a emoção, o juízo de valor, a entonação valorativa, só se realiza na relação do locutor com os outros interlocutores e com a situação concreta de uso da língua.

Por fim, para dar um acabamento relativo ao que se desenvolve neste item, é preciso considerar ainda que, segundo Bakhtin (2011), nossos enunciados estão repletos de enunciados alheios e, por isso mesmo, marcados pela expressividade daqueles que os utilizaram em situações específicas de enunciação. No entanto, ao serem incorporados pelos nossos, tais enunciados podem sofrer alterações, que vão desde a assimilação até a reestruturação, modificação.

Percebemos, pelas considerações tecidas, que o enunciado constitui o elemento fundamental do contexto das interações, das relações dialógicas que se estabelecem entre sujeitos e discursos nas práticas de linguagem de uma sociedade. No caso da pesquisa em tela, os enunciados que circulam na esfera acadêmica de interação social caracterizam-se pela alta densidade dialógica de suas formulações, ao mesmo tempo em que se apresentam como dogmáticos, ou, para usar uma terminologia bakhtiniana, como discursos autoritários, pretensamente neutros, objetivos, homogêneos.

Quanto à subjetividade, Bakhtin entende o sujeito² como um ser eminentemente social e que, como tal, participa do conjunto de diferentes e variadas relações sociais, sendo isso o que constitui a subjetividade. Para ele, o sujeito não é um ser que se rende por completo às estruturas sociais, subjugado pelas forças sociais e destituído de qualquer capacidade de (re)ação. Também não é uma instância dotada de autonomia, detentora dos sentidos dos discursos que realiza em suas atividades de linguagem. No conjunto de idéias do filósofo, o sujeito vive na tensão entre o que é da ordem do individual e do social. Como afirma Fiorin (2009, p. 28)

No dialogismo incessante, o ser humano encontra o espaço de sua liberdade e de seu inacabamento. Nunca ele é submetido completamente aos discursos sociais. A singularidade de cada pessoa no “simpósio universal” ocorre na “interação viva das vozes sociais”. Nesse “simpósio universal”, cada ser humano é social e individual.

Nessa perspectiva, o dialogismo é o princípio de ação do indivíduo falante, ou seja, toda a atuação do sujeito é orientada para o outro, em relação ao qual ele se constitui. É nas relações dialógicas, manifestadas nas diversas práticas históricas de interação e de usos da linguagem, que o sujeito se constitui e constitui o outro. Essa atmosfera social, como sabemos, é totalmente heterogênea e, por essa, razão, o sujeito que se move dentro dela é resultado dos pontos de vista diversos que circulam nesse espaço social. Conseqüentemente, toda tomada de posição desse sujeito decorre de sua inserção nesse ambiente multivocal, de forma que sua consciência, seus posicionamentos refletirão e refratarão sempre as posições vigentes da instância sócio-histórica na qual ele se insere.

Verificamos, pelas proposições esboçadas, a relevância de se considerar o sujeito nessa relação tensa entre o que é da ordem do social e histórico e o que é da ordem da singularidade. É nessa perspectiva que desenvolvemos nossas reflexões acerca das relações dialógicas concretizadas no *corpus* que compõe esta pesquisa.

2 Relações dialógicas no gênero discursivo aula

O gênero aula, que analisaremos a seguir, desenvolveu-se na esfera de atividade humana acadêmica, campo ideológico que apresenta grande quantidade de gêneros, tipos relativamente estáveis de enunciados ligados a diversas práticas de comunicação. Segundo Francelino (2007, p. 24) o gênero aula, observado a partir de um viés discursivo, apresenta três características: é um gênero de natureza oral, interativa, e algumas vezes, dialogada; apresenta diversas posições axiológicas, pois sua produção dá-se num quadro institucional formado pela multiplicidade de vozes; evidencia uma configuração enunciativo-discursiva caracterizada pela pluralidade, embora tenha como foco uma única temática, pois abarca pontos de vista diferentes, representados por posições teóricas que podem ser distintas ou não.

A aula, coletada para análise, foi ministrada no curso de Serviço Social, especificamente na disciplina de *Teorias Políticas*, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ela ocorreu em setembro de 2013 e abordou o capítulo 5 do livro *Economia Política: uma introdução crítica*, de José Paulo Neto e Marcelo Braz. A prática comunicativa pedagógica, de autoria de um professor mestre assistente social, dirigiu-se a alunos do curso de graduação em serviço social. A aula abrangeu a temática do *capitalismo*. Nela, o professor

² A temática da subjetividade, em Bakhtin, permeia todo o conjunto da obra, por isso não a encontramos pontualmente em uma obra ou texto.

abordou assuntos como manufatura, divisão social do trabalho, indústria e maquinários, capital bancário, capital comercial, capital industrial, mais-valia, monopólio etc. Após a análise das vozes e seus efeitos de sentido, das réplicas, valorações e entonações do enunciado, teceremos algumas considerações a respeito do sujeito do discurso. Passemos às análises.

De acordo com Bakhtin (2011, p. 297), os enunciados apresentam ecos e ressonâncias de outros enunciados. Desse modo, ao enunciar, o sujeito leva em consideração os discursos de outrem, provenientes de sua interação imediata, bem como com os discursos sócio-históricos que são resultados de sua experiência, vivência. Assim sendo, o sujeito se constitui nesse espaço dialógico, de constante interação com discursos outros. Na aula em análise, observou-se que o professor mobiliza, em determinados momentos, vozes para argumentar e respaldar sua explicação, dentre elas, encontra-se a de Karl Marx, intelectual alemão. Veja:

Esse processo é tão intenso que o Marx... vai dizer no capítulo do *Capital da Grande Indústria* no capítulo... 13 ele vai dizer que o homem é reduzi/ -- a palavra é forte... acho que o Marx... você sabia que ele tinha essa veia meio poética ele era um cara muito muito erudito -- ele vai dizer que... o capital é reduzido a um apêndice da máquina, eu acho que vocês já ouviram essa expressão, já? Apêndice da máquina? Porque que ele está dizendo isso? Porque o trabalhador passa a ser uma MERA adjacência, algo que é secundário, embora seja primordial. Embora seja primordial, mas a função do trabalhador parece, até para ele próprio, é por isso que o Marx diz que o trabalhador se aliena até a si próprio... o trabalhador acredita que ele não é nada, porque a única coisa que ele faz todos os dias é só acionar uma alavanca, ele acaba se convencendo de que ele é só aquilo, entendeu? (grifo nosso)

Ao discutir o conceito de divisão do trabalho e de maquinário no âmbito das indústrias, a voz autoral mobiliza o discurso de Karl Marx, de forma indireta, a fim de explicar a expressão “apêndice do maquinário”, proposta pelo intelectual, ao afirmar que o trabalhador é reduzido a uma adjacência, a algo secundário após o advento do maquinário nas indústrias. O docente recorre a esse autor, uma vez que Marx é uma das grandes referências na área de política e economia, constituindo-se, portanto, um argumento de autoridade, que dá ao seu discurso certo grau de prestígio. Ainda no que se refere ao fragmento citado, é possível observar uma apreciação do professor em relação ao autor no seguinte trecho: [...] *a palavra é forte... Acho que o Marx... Você sabia que ele tinha essa veia meio poética, ele era um cara muito, muito erudito* [...]. As palavras do docente e a tonalidade com que são formuladas revelam não só intelectualidade e erudição do autor marxista, mas também, uma admiração do professor em relação ao filósofo, economista, historiador, teórico político etc.

Em prosseguimento, ao falar da relação valor, capital industrial e capital comercial, a voz autoral recupera um discurso midiático para exemplificar a resposta que dá a uma de suas alunas. Observe:

Então se a gente fosse fazer uma analogia rápida... usando o exemplo do “Chine Blue”... as meninas... na indústria lá, daquele capitalista rachincha, criam o valor daquelas calças que depois na rede de:: varejo, tá, vai se criar um valor em cima daquelas calças que foram geradas por elas, tá, é daí que o capitalista do varejo vai... é comprar barato é... vender caro e pagar aquele valor e pagar, inclusive, o salário das vendedoras. Mas TODO o valor é

gerado na produção; Eu quero que vocês não esqueçam disso, TODO valor é gerado no processo de trabalho entre meios de produção e força de trabalho.

Nesse contexto enunciativo, o filme “Chine Blue” é convocado para mostrar que o valor do produto é sempre gerado no processo de produção. O professor se apropria de uma das cenas do filme para exemplificar isso para os alunos. Esse tipo de recurso, geralmente, é utilizado para tornar aquilo que se diz mais didático, compreensível e claro para os alunos. Esse é um dos aspectos do discurso pedagógico, haja vista que procura tornar o conhecimento mais acessível aos discentes. Desse modo, exemplos, ilustrações e associações, que têm relação com o cotidiano dos discentes, são bastante comuns no discurso dos professores.

Como se pôde observar na definição dada por Francelino (2007) no início dessa análise, as aulas possuem uma natureza interativa, dialogada, constituindo-se, muitas vezes, de diversas posições axiológicas. No *corpus* em análise, observou-se que o professor estabelece, durante quase todo o tempo, diálogos com alunos, levando em consideração suas apreciações em relação ao objeto do discurso em foco. Verifique alguns desses momentos:

Aluna 1: (...) Professor mas a indústria não faz esses lançamentos aleatoriamente é uma pesquisa na vida social das pessoas é que eles tentam melhorar a vida das pessoas com a tecnologia.

Aluna 2: (...) professor... mais que também uma vez que o senhor falou é... sobre que o produto às vezes é mais... interessante do que as próprias pessoas até em propaganda não é? É é::: a mercadoria vai ser melhor que o ser humano.

Professor: É isso... E veja além disso além disso a mercadoria passa a::: aparecer a assumir feições e traços humanos tu vai ver o tempo todo em propaganda de carro o carro fala atribuem-se... características humanas às mercadorias e as pessoas vão se tornando cada vez mais coisa objeto isso é uma dimensão uma reificação da mercadoria muito Interessante!

Os trechos apresentados são um momento de interação, que se constituem apreciações dos alunos e do professor em relação às réplicas dos alunos. Desse modo, eles são respostas responsivas ativas dos sujeitos envolvidos no momento de interação verbal, ou seja, pontos de vistas, dado que enunciar é posicionar-se axiologicamente sobre um dado objeto do discurso. Nos fragmentos acima, observam-se as posições dos alunos em relação aos lançamentos de tecnologias no mercado comercial, que obrigam as pessoas a aderirem produtos mesmo que não queiram, uma vez que o capitalismo utiliza de mecanismo para isso. O professor posiciona-se concordando com as alunas e acrescentando um desses mecanismos utilizados por esse sistema que são as propagandas publicitárias que dão características humanas aos produtos. Por fim, ele encerra suas observações dizendo ser “Muito interessante!” essa característica do capitalismo.

Esse processo de interação entre professor e aluno, além de provocar atitudes responsivas ativas, leva os discentes a mobilizarem também discursos de outrem durante seus posicionamentos. Veja como isso ocorre na aula:

Aluna: Professor... diga-se de passagem que esse pauperismo não está ligado a escassez (...) Eu lendo... em casa ontem né? Achei muito interessante porque antigamente existia... havia a denominada escassez pela questão da gente não ter acesso às propriedades da natureza... só que no capitalismo o pauperismo não é uma pobreza qualquer não está ligada a escassez em si mais sim da::: da acumulação da força de trabalho... quer dizer Joseane

Tavares a gente tá lendo na:: outra disciplina e ela vai dizer assim porque dizer que é escassez se o Brasil é uma país imenso que tem várias terras cultiváveis entendeu? Então não se pode denominar que pauperismo seja da escassez mas sim desse modo de produção capitalista desigual.

Como se pode observar, a discente recuperou o discurso de Joseane Tavares, autora que conheceu durante as aulas de outra disciplina da área de Serviço Social. Ela mobiliza o discurso a fim de argumentar sobre a escassez, assunto que é suscitado em seu enunciado por meio da menção de uma leitura que havia feito no dia anterior. Essa voz surge como um argumento de que a aluna se apropria para dizer que o pauperismo não está ligado a escassez, mas à acumulação de força de trabalho do modo de produção capitalista. Assim sendo, a voz é um argumento que dá base para sua afirmativa.

Além dos aspectos apresentados, o enunciado apresenta algumas valorações que transparecem o posicionamento ideológico da voz autoral sobre o objeto do discurso, dentre os quais se observa: “Esse daqui para vender *vai fazer de tudo*, nem que seja fazer com que o vendedor da “X” fique fazendo hora-extra até 11 da noite, ele não quer saber não, feriado, dia santo, natal, ano novo, tudo aqui é *trabalhando, trabalhando, trabalhando (...)*”. O trecho mostrado transparece uma crítica do professor em relação aos capitalistas que, de certa forma, fazem com que os trabalhadores se engajem em jornadas excessivas de trabalho, especialmente, aqueles que trabalham no comércio, haja vista que, dificilmente, nesse setor, os trabalhadores usufruem de feriados importantes como o dia santo, natal e ano novo. Assim, observa-se, por meio do trecho destacado “vai fazer de tudo”, que os detentores do capital farão de tudo para conquistar mais capital, para monopolizar o capital, centralizar dinheiro. Esse discurso é trazido com um tom crítico, depreciativo. Além disso, observa-se a repetição do verbo no gerúndio “trabalhando”, com vistas a enfatizar a ideia de escravização dos trabalhadores por parte do sistema capitalista.

Outro fragmento em que se pode verificar valoração é: “O PIB brasileiro tá em torno de 1 trilhão e 200bi, isso aqui significa cerca de 600 bi... por ano pra pagamento, AI NÃO TEM DINHEIRO PARA PAGAR O PASSE LIVRE”. Como se pode verificar, o trecho é uma crítica aos governantes que, na época, não concediam aos estudantes o direito ao passe livre. Atualmente, essa lei está em processo de implementação e oferece 60 passagens gratuitas para estudantes de escolas públicas estaduais. Durante muito tempo, os alunos da Paraíba lutaram por esse direito que, recentemente, lhes foi concedido. Dessa maneira, o discurso que revela a porcentagem do PIB brasileiro é recuperado para subsidiar uma crítica feita pela voz autoral em relação ao direito que o estudante tem de andar gratuitamente nos transportes públicos.

Por fim, essas valorações surgem no enunciado devido à relação do sujeito com o próprio tema, mas também porque o gênero aula possibilita ao professor tecer apreciações, opiniões sobre a temática. Além disso, cabe ressaltar que o contexto enunciativo também contribui, pois se trata de uma aula no âmbito do curso de Serviço Social, com professores e alunos que apresentam certo conhecimento político.

No que refere ao sujeito do discurso, observa-se que o professor mostra ter domínio sobre o conteúdo discutido na aula, bem como transparece ser bastante crítico, politizado e esclarecido. Além disso, posiciona-se com uma linguagem clara, bastante acessível e mais próxima do registro formal da língua. Durante suas aulas, ele mobiliza vozes para respaldar suas explicações e recorre a comparações, exemplificações e ilustrações, a fim de tornar seu discurso mais acessível aos seus interlocutores. Esse aspecto, como já se afirmou antes, é algo comum ao discurso pedagógico.

Ademais, cabe verificar que a voz autoral faz usos de discursos de outrem mediante suas intenções, seu querer dizer, seus propósitos comunicativos, visando a melhor compreensão dos seus interlocutores, ou seja, o fundo aperceptível de seus interlocutores. Vale destacar que o professor desenvolve sua aula de forma interativa e dialogada, possibilitando aos alunos se posicionarem responsivamente sobre os assuntos abordados. Desse modo, ele dá importância à troca de conhecimentos, visto que é nessa interatividade que os sujeitos o constroem.

Considerações Finais

A partir da análise dos dados, concluímos que o gênero *aula* apresenta uma pluralidade ideológica e uma heterogeneidade discursiva constitutiva, cujo embate de vozes deixa entrever, na materialidade linguístico-enunciativa, a configuração dialógica desse gênero. Observamos que o discurso acadêmico não se caracteriza como homogêneo ou monofônico, mas dialógico-polifônico, haja vista que o sujeito discursivo, em meio a um espaço amplamente heterogêneo, convoca vozes variadas para construir o sentido do seu enunciado.

Na análise, constatamos que o sujeito recuperou vozes de autoridade para embasar seus argumentos, bem como exemplos e ilustrações, elementos característicos do discurso pedagógico. Além disso, ele se mostrou bastante crítico e politizado. Os dados também revelaram a natureza interativa da aula, uma vez que mostraram os multifacetados posicionamentos dos sujeitos inseridos nessa prática histórica de uso da linguagem.

Por fim, a aula é gênero discursivo marcado por relações dialógicas estabelecidas por pontos de vistas diversos, provenientes da formação sócio-histórica do sujeito ao longo de sua atuação na esfera de interação em que desenvolve suas atividades. Assim, apontamos a necessidade de maiores investigações dos aspectos enunciativo-discursivos que caracterizam os gêneros discursivos orais acadêmicos, especialmente a aula.

Referências

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In _____. *Estética da criação verbal*. [Introdução e tradução de Paulo Bezerra]. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FIORIN, J. L. O dialogismo. In _____. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2009.
- FRANCELINO, P. F. *A autoria no gênero discursivo aula: uma abordagem enunciativa*. 230f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2007.
- VOLOCHINOV, V. N./ BAKHTIN, M. M. [1976]. *Discurso na vida e discurso na arte*. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/96529004/M-Bakhtin-Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte>. Acesso em: 10 de outubro de 2013.
- VOLOCHÍNOV, M. N. *Estrutura do enunciado*. [Tradução de Ana Vaz]. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/81664106/BAKHTIN-Estrutura-Do-Enunciado>. s/d. Acesso em: 10 de outubro de 2013.